

A concorrência

Giuseppe Giacosa

Quando o Giac, depois de atirar para o fundo do carro o saco da aveia e, já com as rédeas na mão, levantava o pé para subir até ao seu assento, as quatro pilecas empinavam-se e atiravam coices como cavalos de raça. A diligência, num arranco brusco, saía do portão, numa evolução mestra, e irrompia a trote, guisalhando, rua abaixo, enquanto ele, com um pé no estribo e outro no ar, lançava, virando-se para trás com afoito desembaraço, uma última chalaça ao estalajadeiro. Depois trepava para o assento e continuava, durante um bom bocado, de costas para os cavalos, rédeas entre os joelhos, tacteando entre as pernas dos viajantes para arrumar, às apalpadelas, o saco da aveia e mil embrulhos e embrulhinhos, não se importando com as descomposturas dos que, acordados no meio da noite, resmungavam e esperneavam nas trevas quentes da imperial.

O pior do percurso era um pedaço todo torcícolas e subidas, cotovelos e riachos, descarnado como o leito duma torrente, gelado durante todo o Inverno e inundado em certos pontos durante o Verão, por um braço de água, à primeira tempestade que avolumasse o rio Dora. Giac percorria o caminho duas vezes nas vinte e quatro horas. Era prestável, tinha boa memória e estava sempre bem disposto. A sua aparência fina e o aspecto agradável permitiam-lhe tomar familiaridades com graça, mesmo com pessoas superiores a ele. Sabia fazer-se estimar, fazia sorrir as mulheres e as raparigas, e abraçava-as, de surpresa, sem se deixar ver; ao atravessar as aldeias, dirigia às que se encontravam às janelas um certo sinal de cabeça que lhe fazia cair atrás, sobre a nuca, o chapéu, enquanto os lábios se ajeitavam num beijo tão imprevisto e rápido, que mal lhes dava tempo de o ver, quanto mais de se ofenderem. Brincava sem sair duma delicada reserva, mesmo com pessoas de qualidade, e dava a cada qual a notícia que mais lhe podia interessar. (Como conseguia ele, andando sempre em viagem, conhecer todos os amigos das pessoas suas conhecidas? Mas o certo é que os conhecia e os chamava pelo nome, tanto que Lasquaz, o contínuo, costumava dizer: «Não é um homem; é um autêntico recenseamento»).

No Inverno, quando a diligência ia às moscas, ele sabia, com arte requintada, levar os transeuntes a subir. Antes de os alcançar, afrouxava a marcha, chegava a passo ao pé deles, depois pedia-lhes qualquer pequeno favor: desembaraçar as rédeas presas num certo gancho, encurtar um tirante, pôr no seu lugar um peitoral, e, entretanto, iniciava uma conversa que se adivinhava demorada, deixando perceber que no fim haveria o petisco duma notícia ou duma anedota saborosa, até que se saía com um: «vamos, suba!» que podia parecer a recompensa do favor recebido; mas, quando o outro tomava o lugar, ciciava-lhe ao ouvido: «deixo-o ir por metade do preço da tabela, mas que o patrão o não saiba». O patrão. sabia-o, e recebia o dinheiro. Aquela *étape* rendia agora

um terço mais que no outro ano.

À noite, no Inverno, durante todo o tempo da viagem, assobiava quatro ou cinco notas duma canção: no Verão falava com os cavalos, com dois, especialmente: uma égua branca chamada Forca e um grande cavalo ruivo, o Rancio.

– Rancio, para onde estás tu a olhar? Fazes muito bem. Levanta as orelhas, zupa! zupa! (duas chicotadas). Que tal? Soube-te bem? Vamos, essa cabeça para cima, Forca, Forquinha, minha linda gostas mais da cocheira, não é? Cuidado, vê lá se te molhas, levanta as patas, senão esfolo-te viva! Para diante, Rancio, seu desavergonhado, aquilo é uma pedra cinzenta que brilha ao luar; já ontem lá estava. Tu queres apanhar, Forca, diz lá, não queres? Ah! Sim? Já vai no ar o castiga-cavalicoques, zupa, zupa, gostaste? Muito bem, Forca, eu já sabia, agora a galope, vamos, zupa, zupa. Eu ensino-vos como é que se trabalha! Zupa, mais uma festinha!

Por vezes, ensinava-o aos viajantes que iam sentados ao seu lado, e então eram hiperbólicos louvores aos seus bichos, quatro cordeirinhos, zupa, zupa, que nem sequer era preciso bater-lhes.

*

O patrão do Giac, taberneira do *Canhão de Giro*, tinha o correio há quinze anos, e com isto enriquecera e engordara. Era um homenzarrão com as banhas a transbordar, pálido por uma deficiência cardíaca e lento como um paquiderme. Um monferrino, vindo, anos atrás, para Vale de Aosta transportar vinho, estabelecido depois aí como marchante, a seguir como taberneiro, e por fim subindo à dignidade de hospedeiro e de Director do Correio. Na sua vida tinha conseguido duas coisas boas: muito dinheiro e uma linda e desenxovalhada filha; o primeiro para si, a segunda (ao menos esta assim esperava) para outrem.

Agora, já velho, não fazia nada; da hospedaria tratava a filha que, nascida quando já o pai prosperava, era chamada pelos forasteiros *mademoiselle* e *sôra Gina* pelos da casa; quanto ao patrão, que viera do nada; o nome de Pedra nunca se lhe tinha podido ennobrecer com um *sôr*; e era já suma graça se, nos últimos anos, mais a barriga do que a dignidade lhe tinha grangeado o título sonoro de *Barba Gris* (tio grisalho).

A *sôra* Gina era dotada duma gordura rija e fresca; loira, branca, pequeno nariz, pequenos olhos muito vivos, boca larga, lábios carnudos e sorridentes, dentes magníficos. Vigiava tudo, até os cavalos, e encontrava-se sempre em toda a parte, mas especialmente na cocheira, quando sabia que lá estava o Giac. Uma vez que este apanhara um potentíssimo coice duma mula, ela tinha-lhe pensado a ferida e mandara-o ficar na hospedaria, como um senhor, durante mais duma semana. Outra vez, Giac e o moço da estrebaria travaram-se de razões; este último foi despedido imediatamente pela *sôra* Gina, com oito dias de paga. O *Barba Gris* atribuía aquelas amabilidades a

tacto administrativo: sendo o Giac uma pérola de cocheiro, era natural que a filha o tratasse bem; mas o Giac apreciava estas finezas dum modo bem diverso, embora nada fizesse para as atrair. Expansivo com todas as mulheres, na intimidade tornava-se um sultão frio e indiferente, e era um gracioso dom deixar-se adorar.

Um dia, o patrão do café e da tabacaria da vila veio visitar o taberneiro para lhe confiar um segredo: que uma sua sobrinha e herdeira estava apaixonada por Giac e o queria a todo o custo para marido. Giac, sem ser visto, escutava a conversa.

– O que acha você?

– Dê-lho. É um rapaz desembaraçado que pode fazer a felicidade dum lar.

E teceu-lhe encarecidos louvores. Giac, na mesma noite, de volta da sua viagem, vestido como estava, com a blusa de ganga azul e o chicote na mão, chamou o *Barba Gris* para um lado e bruscamente pediu-lhe a *sôra* Gina. O homenzarrão fitou-o no rosto com olhos transtornados, arrancou-lhe da mão o látigo e respondeu:

– É com esta caneta que queres assinar o contrato? Safa-te ou sentes-lhe o gosto nas costas.

– Não quer? Faça o que entender.

E foi jantar, e depois dormir no palheiro. Por volta da meia-noite, Gina acordou-o.

– Vem comigo!

Levou-o até à cozinha, fê-lo sentar, tirou a rolha a uma garrafa de Carema, sentou-se a seu lado, encheu dois copos e, levantando um para tocar no dele, disse:

– Pelo nosso casamento!

Giac encolheu os ombros. Ela continuou:

– Aqui estão duas mil e setecentas liras que economizei em quatro anos de administração. São minhas: Meu pai disse-me tudo; precisamos de o forçar, mas, se eu casar contigo sem a sua autorização, deserda-me; é teimoso como um burro.

– Então não case comigo.

– Com este dinheiro, tu armas-te em concorrente dele; compras quatro cavalos e a diligência da Cruz Vermelha de Ivrea, que está à venda. O dinheiro podes dizer que to deu uma pessoa tua amiga. Parte já. Dentro de oito dias, voltas com o carro envernizado e como novo: chamar-lhe-ás «A América» e escrever-lhe-ás por cima «Concorrência» em amarelo que pareça oiro. Atrelas três cavalos, o quarto fica de reserva; dentro de seis meses estarão estafados mas, entretanto, o mundo dá muita volta. Farás uma paragem aqui, para dar lucro à pousada. Nada de palavras bruscas com o pai. Percebeste? E agora, vai.

Giac fitava-a enquanto ela o envolvia num olhar em que palpitava todo o fogo da sua mocidade, percebendo que, para a possuir, bastava estender-lhe a mão. Naquele discurso entrecortado, pensado, astucioso, onde não havia palavra que não se referisse a negócios, vibrava uma paixão

ardente, disposta igualmente a concessões imediatas como a longa paciência. Cada palavra adquiria pela voz e pelo tom um duplo alcance. Passava pelo cérebro, um cérebro de comerciante, arrumado e de rápidas decisões, mas brotava do coração. Dizia coisas ajuizadas e traía sentimentos desordenados; os termos eram de carta de negócios e a voz estava cheia de ímpetos e de ardores pecaminosos. E os olhos secundavam a voz, penetrantes como lâminas de aço, procurando no rosto impassível do rapaz um assentimento que a fizesse triunfar, como se a vitória lhe fosse inesperada.

O dinheiro estava na mesa. Ela continuava:

– Um cavalo podes encontrá-lo em Donas, que é o ruço do Loutrier; tem oito anos. Agora está em más condições, mas pode pôr-se bom. Loutrier comprou-o há três meses ao judeu e agora vende-o, porque deixa a loja em virtude da morte do filho. Há mais um à venda em Verres. Pertence ao padeiro; é aquêlo alto, de crinas compridas; por trezentas libras deixam-to e ainda te agradecem por cima. Podes experimentar, a ver se Viano, o condutor, quere vender-te a Bela; tem manhas e foge, mas, nas tuas mãos!...

Não se pode exprimir a carícia admirativa que havia naquelas palavras: *nas tuas mãos*; e, para a aumentar, ela pegou numa daquelas mãos poderosas e cerrou-a vigorosamente num aperto em que juntou todo o fogo da sua impaciente virgindade e toda a ternura do seu coração. E o rapaz continuava a fitá-la impassível, já resolvido a aceitar, mas inconscientemente persuadido do poder irresistível que derivava da sua frieza. Gina pegou no copo que tinha colocado sobre a mesa, e erguendo-o:

– Não queres tocar?

– Está bem – respondeu Giac; esvaziou dum só gole o copo e embolsou o dinheiro. Levantou-se:

– Boa noite, *sôra* Gina.

– Quando voltas?

– Logo depois de arrumar o negócio; mas os cavalos em que me falou não os quero. Se os comprasse, veria mexericos no vale; precisamos de cair aqui de chofre, com o tremor de terra da «América».

– Tens razão; compra-os onde quiseres, mas despacha-te.

– E se eu gastasse o dinheiro?

Gina encolheu os ombros, segura. Giac dirigiu-se à porta, acompanhado pela rapariga. No limiar, esta pousou-lhe a mão no ombro; o rapaz virou-se bruscamente, levantou-a do chão e, segurando-a inerte entre os braços, imprimiu-lhe na boca um beijo longo e mordente, até que a Gina, esgueirando-se como um peixe dos seus braços, rígida e sem se afastar dele, lhe cravou na cara os olhos langorosos, dizendo-lhe num sopro:

– Queres?

– *Pas de bêtise* – respondeu o rapaz, e abalou a correr.

*

Começou portanto a concorrência. No começo, a «Aménca» descarregava no quintal do *Canhão de Oiro* um lastro de viajantes esfarrapados, dos quais o *Barba Gris* dizia a troçar para o Giac:

– A como os pagas?

– Caros! – respondia o cocheiro.

Os cavalos eram três animais fracos, descarnados e pelados, que até da estrebaria saíam já sem ganas de trabalhar. Giac comprara-os pelo preço da pele, enquanto passara a estação morta da Primavera, e depois espantaria o povo e mais o taberneiro, no começo do Verão, com os cavalos novos. Os moços de estrebaria riam; *Barba Gris*, triunfante, elogiava, irónico, as míseras alimárias e louvava o Giac por ter resolvido tornar-se patrão, pois, a servir os outros, a gente acaba por derrear-se sem passar da cepa torta. E o Giac respondia modestamente que o tinham aliciado, que já estava arrependido; já agora, enquanto as pilecas tinham fôlego, não havia remédio senão sujeitar-se a continuar na empresa, mas uma vez elas acabadas...

– Para aqui é que não voltas. Tenho muita pena, mas o teu lugar já está tomado.

– Paciência, procurarei noutro sítio. Errei e pago. Com a Gina, nem uma palavra, nem à vista, nem às escondidas: a rapariga adivinhara o jogo e secundava-o; mas, quando ele se sentava à mesa dos moços de estrebaria, olhava-o com ternura orgulhosa, tão bonito e jovem, esperto e perseverante. *Barba Gris* nem sequer baixara os preços das passagens.

– Faço-o por amor de ti. – dizia ao Giac, – para não te arruinar por completo.

A primeira pileca morreu nos princípios de Junho; tombou morta no quintal, ainda atrelada ao carro acabado de chegar, e a diligência continuou, durante umas semanas, a arrastar-se ao passo das que restavam. O taberneiro, entretanto, publicara um cartaz com o preço da tabela de Verão, mandando-o expor em todos os cafés e pousadas.

Foi no dia 23 de Junho, na véspera do São João, que Giac, como, antes dele, Brutus e Papa Sixto, tirou a máscara da humildade e se revelou imperante. Desta ez, era a verdadeira «América», aurífera e sedutora, a carruagem alta e esbelta, brilhante como um espelho, a caixa verde com as molduras vermelhas, as rodas vermelhas com uns filetes verdes, a palavra *concorrência* gritando de um cartaz no alto, e o nome de «América» recortado na portinhola sobre a glória dos raios de oiro. A nova diligência estava à chegada do último comboio. O Verão precoce tinha antecipado a vinda dos forasteiros; um garoto, improvisado bilheteiro, berrava da portinhola:

– Vale de Aosta, parte-se imediatamente!

Giac, do alto da boleia, estimulava e retinha três grandes cavalos negros, que enchiam os arreios com a carne opulenta, adquirida em quinze dias de estrebaria com ração de trabalho. A diligência,

cheia num ápice, partiu rumorosamente com grandes «zupa» de chicotadas largas, que desfolhavam as plantas da avenida, como grãos de saraiva.

Quando, ao romper de alva, da cama onde velava por causa da asma arteriaca, *Barba Gris* ouviu irromper no quintal a grande carruagem, ao trote veloz e cadenciado dos cavalos e ao ruído abafado e igual das rodas, julgou-a um carro particular. Vestiu-se, desceu com a pressa lenta à qual estava forçado, e encontrou a filha já atarefada a servir o café aos recém-chegados. O olho treinado disse-lhe imediatamente que aqueles senhores não viajavam juntos, e deduziu disso que a carruagem devia ser de serviço público. Saiu preocupado. A diligência estava sob o portal, sem cavalos, a vara do timão nua, cravada no ventre, como uma lança. Deu-lhe a volta, farejando um inimigo; não chegou a ler a palavra «concorrência», escrita muito em cima, mas o nome «América» fez-lhe franzir as sobranceiras. Ficou um momento a pensar, depois murmurou para os seus botões: «Ora esta, ora esta!» e entrou na cocheira. Giac e o moço de serviço tinham ido ambos tratar do feno. Na penumbra da loja baixa, pouco arejada por uma janelinha de grade e onde a lâmpada era uma pequena brasa vermelha agonizante, dirigiu-se direitinho aos lugares dos cavalos de fora; sentiu-os bufar, mediu-lhes num instante a estatura, uma palmada na garupa do primeiro deu um ruído cheio, indicativo de carne rija e bem alimentada; apalpou os outros dois, a pele tensa como a dos tambores, e ficou pensativo, mastigando suspeitas e tornando a engoli-las com o costumado: «Ora esta, ora esta!... » Mas, quando ia a sair, eis o Giac com o balde e a esponja.

– Sempre arranjaste patrão?

– O patrão sou eu, sou eu! – cantou o rapaz, triunfante.

Barba Gris teve de se sentar na borda do bebedouro; o coração rufava-lhe no peito como há pouco as rodas da diligência no quintal; bocejava como um peixe fora da água e, entretanto, ouvia na estrebaria Giac chamar os cavalos pelos seus nomes, acariciando-os com palmadas, como a mulheres sem vergonha, enquanto assobiava alegremente uma marcha militar. Logo que voltou o fôlego, berrou através da porta:

– Onde roubaste o dinheiro?

– Herança dum tio.

Naquele mesmo momento, soou na rua a buzina da posta; e a velha diligência, transposto a passo o portão, foi parar diante da sala de jantar. Desceram um carabineiro e o cozinheiro que vinha do hotel de São-Remo, fazer a estação de Verão no *Canhão de Ouro*.

– Ladrão! – resmungou o taberneira dirigindo-se para o seu quarto, onde se fechou durante o resto do dia.

E o Giac encontrou assim a maneira de entregar a Gina a nota daquela primeira viagem, datada de 24 de Junho, dia de São João, onomástico da rapariga.

*

A concorrência tornou-se imediatamente encarniçada e raivosa. Agora, também a diligência postal ia para a estação procurar viajantes, apregoando já os preços mais baixos. Mas, para carregar os sacos do correio, sempre levava uma boa meia hora, ao passo que Giac partia imediatamente. A posta mudava de cavalos a meio do caminho, e Giac percorria-o todo sem parar; é verdade que o tempo perdido a mudar os cavalos recuperava-se depois com o vigor dos animais frescos, mas não era suficiente para eliminar o atraso inicial. Por vezes, todavia, aos dois terços do percurso, Giac sentia o ruído da posta atrás de si, e, ao virar-se, via brilhar nas trevas o olho luminoso do alto farol. Então, em lugar de manter-se na borda da estrada, para aproveitar o terreno sólido, a «América» enfiava pelo meio, levantando nuvens de pó; e começava uma corrida desenfreada, mais vantajosa para os três cavalos do que para a longa fila dos quatro. As descidas, depois, acabavam sempre por dar a vitória a Giac, cujo punho de ferro segurava os animais pelas rédeas, enquanto as chicotadas, os gritos estimulantes e o peso da carruagem permitiam uma corrida arriscada mas elegante.

Ao começo, *Barba Gris* ficava todas as manhãs à escuta, por trás das persianas, esperando ouvir primeiro a buzina da sua diligência do que a da «América»; depois, desanimado, mudara de quarto, indo habitar o mais distante da casa para não ouvir nem uma nem outro. A filha convencera-o a não questionar com Giac, para o não tornar inimigo e não perder definitivamente clientes para a pousada. A excessiva baixa ele preços, tentada pelo velho para vencer a concorrência, dera-lhe afinal maior prejuízo, porque, enchendo a diligência de aldeões, afastava dela ainda mais os forasteiros. Giac, esperto, restabelecera o preço inteiro, de forma que a «América» semi-vazia dava mais rendimento do que a posta cheinha de gente; aliás, nunca lhe faltava freguesia.

Que espinho no coração do velho! O dinheiro perdido não era nada em comparação do orgulho humilhado. Até se lembrou de estabelecer um serviço à suíça, mas seria empresa demasiado morosa. Com isto tudo, a saúde sofria, a asma tornara-se mais forte e frequente; já não falava, não descia ao quintal senão para o atravessar e ir desabafar no café, sob a forma de remoques forçados, com o pequeno grupo ruidoso, os rancores que o minavam. Gina, compadecida, ia meditando uma confissão geral, na esperança de restabelecer assim a paz.

*

Uma noite, no começo de Agosto, desencadeou-se no vale um furacão medonho. Ao alvorecer, quando já o céu se tornara límpido e sereno, um vendedor ambulante, que vinha da estação, falou em prejuízos graves ao longo da estrada. Poucos minutos depois, Lasquaz, o contínuo, trouxe a notícia de que numa das diligências tinham morrido, fulminados por um raio, o cocheiro e dois

cavalos. Desconhecia, porém, se se tratava da posta ou da concorrência; a notícia provinha do forte de Bard, que fora prevenido para prestar socorros.

O taberneiro, a quem tinham falhado as pernas, deixara-se cair num degrau da cozinha, a olhar em volta de si, com a mão no peito. Gina, muito pálida, teria desejado lançar-se imediatamente estrada fora para ver com os seus olhos, mas o aspecto acabado da pai detinha-a; o quintal estava cheio de gente, e cada vez se aglomerava mais. Naquele momento, já ambas as carruagens tinham bastante atraso. A multidão esperava, inerte; os carabineiros já tinham partido para Bard. Depois de longo silêncio, Barba Gris disse:

– O correio tem a buzina e a «América» os guisos. E tomou a calar-se. Mais um bom momento de ânsia silenciosa. O cão do padeiro, do outro lado da vila, ladrava alto como durante a noite; a água do chafariz murmurava no bebedouro.

Ouviu-se ao longe o *pêe pêe* da buzina. Como que impelido por uma mola, o velho ergueu-se então, bocejou um instante e a custo articulou:

– A minha! A minha! – E lançou-se no quintal, entre o povo que formava círculo, afastando-se com medo de loucuras, e começou a dançar, esbracejando, duma forma pesada, dolorosamente descomposta.

A buzina soava mais próxima, depois a carruagem enfiou pelo quintal. O velho correu ao seu encontro, rindo com uns «ah!» soluçantes. Logo que a viu, mudou o «ah!» da gargalhada num «oh!» de espanto angustiado, e tombou pesadamente no chão, como um saco. Giac mal teve tempo de reter os três cavalos, que quase lhe passavam por cima. A «América», incólume, havia recolhido parte da carga e o cocheiro da diligência postal, que ficara em mau estado. Ao chegarem à vila, tocara a buzina como sinal de alegria pelo perigo evitado.

Barba Gris tinha morrido.

Giac e Gina casaram três meses depois.

Digitalizado de “Contos Italianos”, editora Gleba, Lisboa

Obtenha mais e-books na secção Biblioteca do Esquerda.net